

Dra. Andréa Borges Leão – (Universidade Federal do Ceará)
**O BRASIL NO ROMANCE JUVENIL FRANCÊS OITOCENTISTA:
COLONOS EUROPEUS, NEGROS E ÍNDIOS**

REPÚBLICA MUNDIAL DAS LETRAS JUVENIS

Amelie Weise Schoppe nasceu em Fehmarn, uma ilha ao norte da Alemanha, no dia 09 de outubro de 1791. Com o pai, o Dr. Friedrich, foi iniciada na arte de curar, e, após a morte do “médico da cidade”, em 1798, mudou-se para Hamburg. Lá, instalou-se na casa de um tio acabando por abrir uma escola para meninas, em 1823, com uma educadora chamada Fanny Tarnow. Antes disso, Amelie cumpriu o destino das moças de seu tempo: casou-se com um jurista, teve três filhos e ficou viúva. Seu casamento não lhe trouxe muita felicidade. Após a morte do marido, passou a escrever livros com o objetivo de sustentar a família. Publicou, então, obras com lições de sabedoria e moral a fim de guiar as crianças na vida prática, além de colaborar para muitas revistas e editar jornais de moda na Alemanha e em Paris, dentre os quais se destaca a *Revista Para Jovens Iduna*. Suas obras somam mais de 200 títulos e, além do francês, algumas foram traduzidas para o inglês, o holandês e o tcheco. Em 1851, a escritora emigrou para os Estados Unidos onde faleceu no dia 25 de setembro de 1858 (1).

Julie Nicolase Delafaye-Bréhier nasceu na cidade francesa de Nantes, então capital da Bretanha, no dia 15 de março de 1785. Seus pais eram um casal de burgueses comerciantes, Jean Julien Marie Bréhier e Marie Jeanne Pichon. Em 1793, Julie trocou a Bretanha por Saintonge, a região de sua mãe, abandonando o catolicismo e tornando-se protestante. Cresceu educada pelo tio, Auguste, um cura constitucional e poeta a quem a escritora dedicou seu livro *L'Intérieur d'une Famille ou Le Récit du Voyageur*. Com o pai, não menos afetuoso e severo que o tio, Julie definiu-se escritora. No texto da dedicatória – *À la mémoire de mon père* – do livro *Le Robinson français*, publicado logo após a morte de Bréhier, a autora traça o perfil de uma figura austera a qual nunca teve coragem de glorificar em vida. A conduta do pai lhe servira para a composição dos personagens. Em 1812, casou-se com o médico Gratien-Claude Delafaye. Julie cultivou uma longa relação de amizade literária com seu primeiro editor, o livreiro especializado em coleções juvenis Alexis Eymery, dedicando-lhe o livro *Le petit voyageur en Grèce ou lettres du jeune Evariste et de sa famille*. Julie Nicolase, ou Mme. Delafaye-Bréhier, consagrou-se escritora de sucesso de livros juvenis classificados como romance moral, gênero bastante popular. Faleceu em 1850, após concluir sua maior obra – o romance histórico *Histoire de ducs de Bretagne: raconté par un père a ses enfants*, publicado pela casa Lehubey, herdeira dos Eymery, em 1851 (2).

O que há em comum entre as trajetórias individuais dessas duas mulheres de letras? Se partirmos de suas origens sociais, linhagem materna e paterna, e de suas estratégias de aliança no universo letrado, suas inserções na República das Letras, veremos duas figuras femininas típicas do período: familiarmente bem dotadas por capitais escolar e cultural, os quais convertem em educação e escrita. Essas

mulheres constituem-se pólo dominado no mundo da produção intelectual. Às vezes, de tão discretos, seus trabalhos são, por longos anos, invisíveis, o que, no entanto, não as impede de cultivar a singularidade do próprio nome, reivindicando publicamente suas autorias. Os exercícios de cópia, o gosto pelas cartas e a prática dos deveres de estilo, o cuidado com os usos das palavras, todas as experiências da intimidade, levam as duas escritoras à entrada num lento percurso de afirmação da individualidade, que tem como consequência imediata o investimento na carreira literária através da escrita de livros para a juventude (3).

Amelie Schoppe e Julie Nicolase Delafaye-Bréhier têm em comum um élan criador e a paixão pela educação moral. Uma outra disposição bem mais desafiadora revela o traço de união entre as duas: uma rica imaginação literária, misto de sensibilidade e razão, que as conduz ao exotismo tropical. Amelie e Julie elegem o Brasil e o sistema de relações coloniais como tema de seus romances juvenis. As duas escritoras parecem ter em comum fontes de trabalho e inspiração, que orientam a trama dos enredos e a descrição de personagens índios e negros americanos, viajantes e emigrantes europeus, tão próximos e distantes. Lendo seus livros, chega-se à conclusão de que as duas damas estavam muito bem informadas sobre a história do Brasil e de que seus conhecimentos não eram apenas documentais e livrescos.

A trajetória das duas escritoras é permeada de sucessos e destaca-se pela excelente aceitação obtida daqueles que referendam as leituras na Europa do século XIX: os livreiros-editores e o público leitor. No ano de 1828, é publicado, em Berlim, o livro de Amelie Schoppe intitulado *Os Emigrantes no Brasil ou Cabana de Gigitonhonha. Ilusão, sabedoria e moral para viver* (4), que conta a história da vinda de uma família de emigrantes alemães para o Brasil. Em 1847, é traduzido para o francês, por Louis Friedel, e passa a compor a Biblioteca da Juventude Cristã dos impressores-livreiros católicos Alfred Mame, de Tours. A obra é devidamente aprovada pelo Arcebispo daquela província. A partir de 1851, é traduzida do alemão em sucessivas edições por F. C. Gerard, para a livraria-editora Mégard, de Rouen. Na nova casa passa a compor a Biblioteca Moral da Juventude e ganha, em 1862, o título de *Robinson Brasileiro*. Suas tiragens variam entre 3.000 a 4.000 exemplares, garantindo sucesso de vendas para os Mégard até 1866. A partir daí, a obra perde a autoria e é publicada pela casa editora Eugène Ardant, de Limoge, não mais como tradução, e sim como uma imitação de F. C. Gerard, indicando a transação de compra e venda entre os livreiros.

O romance *Os Portugueses da América – lembranças históricas da guerra do Brasil em 1635 (contendo um quadro interessante dos costumes e usos das tribos selvagens, e detalhes instrutivos sobre a situação dos colonos nessa parte do Novo Mundo)*, de Julie Nicolase Delafaye-Bréhier, tem sua trama ambientada durante as batalhas da primeira fase da ocupação holandesa em Pernambuco. Obtém aprovação do Arcebispo de Paris no dia 28 de outubro de 1846. Dois meses após, em dezembro, obtém sua inscrição na *Bibliographie de la France – Journal Général de L'imprimerie et de la Librairie*, para ser definitivamente publicado pela casa Lehuby, em 1847. Classificada como uma obra destinada à juventude, mais

precisamente como uma “Americana ao uso da juventude”, chega a três tiragens no ano de sua publicação.

A primeira, publicada em um volume in-8 ilustrado com 12 litogravuras em duas cores, preto e branco, pelos artistas Auguste Lemoine, Janet-Lange e Giraud, é vendida aos livreiros a 250 francos (o exemplar custa 6 francos) (5). A segunda, oferece as mesmas ilustrações, mas baixa de preço, custando 175 francos. Já a terceira, vem nas cores ouro, vermelho, azul e violeta, num exemplar de charmosa capa e apresenta nova queda de preço: toda a tiragem custa apenas 100 francos.

Além dos detalhes formais, o conteúdo das narrativas das duas autoras também contribui para o êxito de seus trabalhos. Nas histórias imaginadas por Amelie e Julie Nicolase, os povos selvagens adquirem o estatuto de modelos e contra-modelos postos ao uso dos leitores e de seus pais em todas as etapas da educação moral. A popularização de suas obras, com sucessivas reedições e imitações por todo o século XIX, produz gerações de leitores europeus que, na onda da expansão do comércio de livraria para a América Latina, acabam encontrando os leitores de além-mar, como as crianças e os jovens brasileiros. Isto supõe a existência de um universo cultural comum entre as duas comunidades de leitura, com os mesmos modos de recepção das mensagens, configurando uma república mundial das letras juvenis.

A trajetória de sucesso desses livros atesta a popularidade do gênero no qual são classificados – o romance moral. Esses romances são *publicados por empresas católicas semi-especializadas, que atravessam, no período, momentos de transição entre a economia familiar e a industrialização dos serviços.*

Em 1858, mais de dez anos após a primeira edição parisiense, *Os Portugueses da América* entram para a biblioteca de obras instrutivas e recreativas do catálogo de venda da Livraria de Baptiste-Louis Garnier e passam a ser adquiridos na loja da Rua do Ouvidor, verdadeiro entreposto comercial das principais editoras de Paris e da província. O romance entra no Brasil como obra importada, jamais obtendo tradução para o português (6).

A voga do exotismo tropical na produção literária para a juventude mostra que a conjuntura que antecede a especialização e industrialização do mercado editorial francês é marcada por um sistema estético produtor de singularidades, com amplo espaço para os países americanos, e para o Brasil em particular, ao mesmo tempo em que se desenvolvem as apostas do comércio de livraria na expansão internacional. Enquanto a livraria francesa se instala no Brasil, a partir de meados do século XIX, o Brasil é produzido literariamente na França.

Apoiando-se sobre os dois livros juvenis que elege o Brasil como tema na França oitocentista – Os Emigrantes no Brasil ou Cabana de Gigitonhonha e Os Portugueses da América – este ensaio analisa o modo pelo qual suas ficções narrativas colocam o problema da colonização, da nacionalidade, da instrução religiosa e da aplicação moral, dando a conhecer um país aos jovens leitores europeus e brasileiros.

1. Viagens pedagógicas e o romance moral sobre o Brasil

No século XIX, a formalização do Brasil como nação não é recurso exclusivo da historiografia ou das narrativas ficcionais de escritores brasileiros (CANDIDO, 1959). Ao lado dos homens de letras e de ciências, os livreiros estrangeiros estabelecidos no Rio de Janeiro são personagens decisivos para a criação do mito nacional. O projeto intelectual que orienta suas partidas para a América Latina e, uma vez firmado o negócio da livraria, as trocas internacionais possibilitadas pela circulação dos textos, a importação e tradução de obras clássicas, sua distribuição em função de categorias específicas – como as idades – para posterior organização em coleções temáticas, assinalam práticas que vão muito além da pura e simples relação comercial com os clientes ou da imposição de modelos culturais.

A categoria de “brasileiro”, com a correlata invenção das tradições nacionais, não se define apenas pelo trabalho estilístico da escrita. A rede de edição sobre a América e, como parte dela, sobre o Brasil, formada em países como a França e a Alemanha, também contribui para a invenção nacional. Essa produção toma por base tanto registros descritivos, dos quais os livros de viagens e os compêndios de história natural são bons exemplos, como romances destinados ao público juvenil, os quais elegem a vida e a natureza tropical – as florestas, os índios, a escravidão negra e a vinda dos emigrantes –, como temas.

Ademais, no Rio de Janeiro imperial, há leitores para livros como *Os Portugueses da América*. Sabemos, por intermédio de Márcia Abreu (2003), que de há muito os cariocas apreciam as leituras de livros importados. Com a abertura dos portos, muitos estrangeiros, adultos e crianças, passam a residir no Brasil e, certamente, a se constituir público leitor para os clássicos ingleses, franceses e espanhóis. Certos jovens oitocentistas conhecem muito bem Julie Nicolase Delafaye-Bréhier, assim como Mme. Leprince de Beaumont. Mesmo com a fiscalização exercida pelo Desembargo do Passo, o livro *Les escoliers en Vacance*, de Mme. Delafaye-Bréhier, logra sua entrada e permanência no Brasil, segundo nos informa ainda Abreu (2003, p.124). Destaca-se a presença das governantas estrangeiras nos espaços europeizados das famílias. A função dessas damas é a educação sentimental de crianças e jovens (LEITE, 1997). Elas modelam, assim, de acordo com suas referências culturais, leituras e escritas de seus discípulos.

Por isso mesmo, Baptiste-Louis Garnier mantém, num de seus catálogos de venda para o ano de 1858, quase duzentos títulos em francês classificados como lembranças, crônicas, anedotas, geografias, viagens e descrições (7). Em muitos deles, o Brasil figura como tema. A literatura de viagem atrai a curiosidade pelo pitoresco da aventura, realçando a coragem dos marinheiros diante das intempéries na travessia, narrando histórias de naufrágios e fazendo descrições romanceadas dos modos de vida e crenças de povos desconhecidos, quase sempre os índios americanos. Na França, as bibliotecas de educação moral e formação religiosa passam a incluir títulos que se destacam pelas interpretações das comunidades ditas selvagens (índigenas e africanas) oferecendo uma forma de instrução que não

representa perigo para a fé porque fundada nos ritos da conversão, do batismo e do matrimônio.

Além dos romances, as descrições metódicas das cinco partes do mundo, Europa, Ásia, África, América e Oceania, os mapas, tratados de geografia, pequenos fragmentos do universo, estimulam o interesse pela ciência natural, pelas visitas aos museus e o convite aos gabinetes. Mas, aos olhos desembaraçados de uma criança, as serpentes, monstros e festins antropofágicos devem em muito mais aguçar os medos e satisfazer a curiosidade. Nesse momento, o descobridor Cristóvão Colombo entra para o panteão dos heróis da juventude e sua história passa a constar nas biografias de crianças célebres, servindo como modelo cultural. Tanto é que o famoso escritor Julio Verne acaba romanceando sua biografia.

Com relação aos escritos sobre o Novo Mundo, é principalmente sobre a vida do índio brasileiro que recai o novo projeto de aplicação das regras morais. Seus costumes, a alegria emanada dos cantos, danças e festins, as caçadas e lendas apaixonadas sobre suas origens, tornam-se motivos para reflexões sobre os excessos provocados pela barbárie, como a condenável prática da antropofagia, que até os podia excluir dos domínios da civilidade, mas, ao contrário do esperado, os elege como preferidos dos leitores. A Europa testemunha o nascimento de uma paixão romântica e juvenil pelo exotismo tropical. Embora não se deva esquecer que, no universo cultural adulto, a familiaridade dos leitores europeus com a experiência dos povos não-europeus era muito forte desde século XVIII (VILLALTA, 2005)

Esses temas constam nas coleções de livros juvenis da livraria parisiense dos irmãos Garnier e, uma vez firmado o gosto do público francês pela literatura de viagem, são exportados para o Brasil. Para os leitores europeus, representam o conhecimento da diferença, mas para os leitores brasileiros, as descrições funcionam acima de tudo como espelho e memória. Um universo cultural comum liga, por laços de afinidade na leitura, uma elite intelectual e juvenil do Velho e do Novo Mundo (8). E para os produtores de textos, “a descoberta da América e os fracionamentos da cristandade tornam-se instrumentos de um duplo trabalho de classificação e conhecimento: a relação com o homem selvagem e com a tradição religiosa” (CERTEAU, 2000, p. 213). É nesse domínio que uma cultura encontra-se com a outra.

O gênero classificado como viagem, ainda que composto de textos heterogêneos entre si, acaba por fazer parte de um outro gênero de perfil mais ficcional - o romance de formação moral. As descrições são apropriadas pelo novo regime literário e passam a intervir como referências e contra-referências nas etapas previstas para a educação. Preferencialmente, o romance moral destina-se aos adolescentes. Seus objetivos são confessos - a aplicação dos princípios cristãos através das ações modelares dos personagens (9). Define-se como literatura espiritual, divertida e instrutiva. Seus livros visam a produzir uma sensibilidade engajada na crença e antes de serem publicados necessitam passar pelos comitês eclesiásticos de leitura, que funcionam como primeiros censores, anteriores mesmo aos livreiros e aos pais. Esses comitês inauguram um sistema jurídico-religioso de controle dos textos. Os editores Mégard, de Rouen, grandes distribuidores de livros

de coleções infantis por toda a França e, através dos Garnier, difusores da literatura francesa para o Brasil, não dispensam o exame prévio das autoridades responsáveis pela educação religiosa. Essa prática assinala uma submissão ao que Jean-Yves Mollier (2000) chama de “lógica da demanda social” – no caso, atendendo aos objetivos da Igreja Católica –, característica do antigo regime da produção editorial.

Se a observação dos sentimentos de homens primitivos, quase próximos aos animais, e o estabelecimento de comparações com os homens civilizados, nutre uma imaginação literária, acaba também por suprir necessidades de ordem pedagógica. Uma viagem para o Brasil mobiliza sentimentos de medo e fascínio, ao mesmo tempo que nutre sonhos de fortuna alimentados pelas notícias das terras férteis e das minas de pedras preciosas. É o que propõe a saga dos *Emigrantes no Brasil*. Amália Schoppe, sua autora, tira todos os proveitos das situações de incerteza e perigo, caminhando na tradição pedagógica dos contos de advertência, prevenindo os jovens europeus contra as ilusões. Essa literatura “novomundista” de aplicação moral compara a escravidão branca, a qual se vêem submetidos os emigrantes no Brasil, com o sistema da escravidão negra, levando os leitores a incorporar, ou a manter bem sólido, o valor moderno da liberdade do indivíduo – principal conquista da Revolução Francesa.

Note-se que o âmbito de circulação do romance moral é o universo cultural juvenil, não contando ainda essa classe de textos com o estabelecimento da Sociologia como ciência explicativa do comportamento. Os modelos e contra-modelos oferecidos pelos índios e negros escravos americanos, a antropofagia, as fugas e insurreições, a constituição de uma estranha República dos Palmares, entre uns, e os maus hábitos da nudez, entre outros, ambos relacionados à heresia, à perda do decoro da civilidade e aos perigos de embrutecimento dos comportamentos, ou, tudo posto ao contrário, as virtudes da vida natural, deveriam levar a mocidade a voltar-se para o seu interior e, partindo da intimidade, compreender os motivos da ação e fortalecer suas relações com a crença.

O bom e o mau selvagem, figuras do pensamento romântico europeu (10), entram no projeto moral pedagógico na condição de parâmetros de comparação frente às desvantagens e máculas da civilização. Por isso mesmo, o romance moral pode igualmente surtir efeitos contrários, uma vez que as práticas e significações produzidas pela leitura nem sempre correspondem aos anseios e imposições dos autores e livreiros-editores. E, se o novo leitor se identificasse com a vida nas florestas tropicais, livre de bússolas, mapas ou quaisquer constrangimentos morais? Acima de tudo, qual o efeito disso para os leitores brasileiros?

Para colocar a moralidade em ação faz-se necessária, acima de tudo, a pronta adesão das mulheres de letras, como Amália e Julie Nicolase, aproximando-as dos eclesiásticos. Observa-se um processo de transferência de sacralidade dos padres para as escritoras, nesse momento particular da disputa pela posse do poder legítimo sobre a aplicação da moral, travada entre o conhecimento científico, que já se esboça, e a tradição da velha Igreja Católica, detentora da legitimidade intelectual. Deste modo, as funções femininas mais se adequam à posição eclesiástica. Ora, uma autora deveria se situar no curso do processo de civilização,

cabendo-lhe articular da melhor forma possível um discurso sobre as diferenças. A vida dos habitantes dos trópicos se tornaria mais compreensível, e, até, mais suportável, se posta em uma operação escriturária.

2. *Os Emigrantes no Brasil* – heróicas robinsonadas

Antes do aparecimento da versão francesa da novela de Amelie Schoppe, a narrativa de viagem pedagógica baseada na imaginação do mundo colonial como mundo naturalizado (selvagem e preguiçoso), que, de acordo com Francis Marcoin (1999), experimenta as delícias da geografia através da errância romanesca, já havia mostado toda sua força aos jovens leitores europeus. Em 1839, Alexis Eymery escreve e publica uma coleção de livros – de pequeno formato e com muitas páginas – sobre aventuras de viagens a várias partes do mundo, incluindo o continente americano e, ao sul dele, o Brasil – Universo em miniatura ou as viagens do pequeno André sem sair de seu quarto. Utilizando a técnica do diálogo entre pai e filho, mais que adequada ao estilo confessional do romance de formação, esses livros apresentam quadros instrutivos e divertidos para guiar a infância no conhecimento das quatro partes do mundo: África, Ásia, América e Oceania.

*A passagem pelo Brasil inicia-se com o elogio ao jovem príncipe, herdeiro da Casa de Bragança. Em seguida, passeia-se pelo enorme bazar no qual se transformara o comércio do Rio de Janeiro realçado pela descrição de ruas estreitas por onde desfilam escravos carregando damas indolentes nas liteiras. Sobressaem as perucas e bijuterias. Mas o Brasil imaginado por André é, antes de tudo, um reino de pedras preciosas, rubis, diamantes e com muitos papagaios, situado entre a floresta da Tijuca e o distrito de Diamants. Aprenta-se, então, o vale de Gigitonhonha (11), metáfora de mais uma ilha deserta. No romance de Amelie, o vale é porto de salvação para uma família de Robinsons oitocentistas perdida no Brasil tropical. As margens férteis do rio Gigitonhonha é palco da trama imaginada no livro *Os Emigrantes no Brasil*.*

Com uma série de advertências aos jovens europeus sobre as ameaças e os perigos da partida para os países da América do Sul, a narradora tem como objetivo denunciar a experiência das várias famílias de colonos alemães em inícios do século XIX, oferecendo pistas das armadilhas nas quais se viam envolvidas logo no embarque. No porto de Amsterdã, de onde partiam os navios para o Rio de Janeiro, capitães inescrupulosos propunham a assinatura de contratos de compra e venda da força de trabalho dos emigrantes, em troca do pagamento da viagem. Entra em cena o drama da escravidão branca. Nesse romance, a ênfase das viagens recai sobre a aplicação de uma moral religiosa entre cristã e moderna, combinando os desígnios de Deus à preservação dos direitos individuais do cidadão. Por isso mesmo, a narradora ao tirar o máximo de proveito das advertências e conselhos acaba por instaurar uma pedagogia do medo.

Na tradição dos Robinsons que partem em família (12), Riemann é um fazendeiro viúvo e arruinado pela seca que assola seu país. Um dia, ouve trechos de uma canção que diz : o Brasil não é longe daqui. Toma, então, a decisão de

partir da Alemanha em direção ao Brasil, levando seus filhos: Conrad, o mais velho, Anna, Marguerite e Wilhelm. Um deles, entretanto, deveria sacrificar-se pelos outros. Tãmanha provação só poderia recair sobre Conrad, o primogênito, que vende-se ao capitão do navio. A travessia é marcada por infortúnios, fome e sede, algumas tempestades, além de doenças como o « mal do mar ».

Ao chegar no Rio de Janeiro, uma cidade de ruas estreitas, cheia de Igrejas e magníficas casas (cenário senelhante ao descrito por Eymery), o proprietário do jovem alemão leva-o ao mercado de escravos negros. A família resta petrificada diante de tantos horrores. No mercado, a liberdade de Conrad é novamente vendida. Desta vez, o comprador é o inspetor do jardim imperial, um homem bastante rico. Conrad desaparece das vistas de seu pai e de seus irmãos.

Enquanto isso, Riemann segue para o Palácio do Governador, a fim de obter os papéis que o tornam proprietário de um terreno no vale de Gigitonhonha, a maior mina de diamantes do Brasil. Antes da viagem, ouve as advertências de um secretário alemão do Palácio: não comprar jamais diamantes dos negros que trabalham nas minas, são todos roubados e as penas para esse delito são bastante severas. Esses conselhos, fala a narradora, devem servir de regras de conduta, porque as lições de moral próprias ao gênero no qual foi classificado a novela de Amelie devem agir através dos personagens. A essa altura, o pai Riemann já se deu conta de que as promessas feitas aos emigrantes jamais se cumpriram.

Ao chegar em Gigitonhonha, a família de heróis descreve a mesma trajetória de Robinson Crusó (13), o personagem de Daniel Defoe. Riemann e seus filhos são europeus civilizados postos diante das aventuras da natureza: alimentam-se de legumes e frutas frescas oferecidas pela terra fértil, e de peixe do rio. Constróem uma cabana, fabricam os utensílios domésticos com a argila do lugar, modelam toscos instrumentos de trabalho necessários ao cultivo da terra e ousam até reunir troncos de árvores para fabricar uma canoa. Afinal, como os leitores poderiam se apropriar dos (des)caminhos postos à família Riemann? Responde a narradora: aprendendo com a experiência e com as situações de necessidade.

Bem adiantada a narrativa, a família conhece Claus, um soldado alemão que servia no exército brasileiro. O novo amigo compra, por uma bagatela, o diamante de um negro a quem protegia. O escravo escondera (na verdade, roubara) a pedra de seus feitores num dia de trabalho nas minas. Claus, então, oferece o diamante a Riemann, que com ele poderia reaver a liberdade do filho. Apresenta-se à família um dilema moral, ao mesmo tempo que jogo educativo para o leitor: como aceitar a oferta de um roubo?

Riemann, então, parte para o Rio de Janeiro. Chegando lá, reencontra um funcionário alemão, M. Albrecht, que conhecera no Palácio do Governo. Após narrar suas heróicas robinsonadas, o emigrante pede ajuda ao amigo a fim de restituir o diamante à Coroa. Não foi difícil. Nessa época, o Brasil possuía uma jovem imperatriz alemã bastante apegada à sua pátria. Triunfa o caminho do bem. Comovida com a história da escravidão branca, a Princesa Isabel restitui a liberdade a Conrad. É feita a vontade de Deus e a família Riemann funda uma colônia alemã no Brasil.

3. *Os Portugueses da América* – a invenção do romance histórico brasileiro

Em *Os Portugueses da América*, Julie Nicolase Delafaye-Bréhier tece uma história situada em terras do Nordeste brasileiro, na cidade de Olinda, e em tempos coloniais, 1635, período da ocupação holandesa. Os personagens são colonos portugueses, do sangue azul da casa de Bragança, índios tapuias, de feroz origem tupinambá, e negros sublevados na República de Palmares. O texto narra a execução de um plano de vingança - seqüestro seguido de cativo na floresta tropical – imaginado pelos índios contra seus senhores e algozes, os colonos portugueses. Duas damas, Élvire e Hélène, são raptadas pelas suas escravas domésticas, a velha Mocap - mentora do plano -, e a jovem mestiça Yassi-Miri, ama de leite do pequeno Sebastião, filho de Élvire. Arraïp, escravo pessoal de Dom Aleixo, marido de Élvire, também adere ao plano. Aproveitando-se da confusão causada no dia da ocupação da cidade pelos holandeses, Mocap foge com as duas mulheres, Yassi-Miri e Sebastião, tomando o rumo da tribo dos tapuias. Só ela, a velha tupinambá, conhece os desvãos da floresta e seu retorno para sua tribo acompanhada de duas senhoras cativas era prova maior de triunfo e conquista.

Enquanto ocorre o rapto das senhoras brancas, Dom Aleixo segue, com Arraïp, para o forte de Matias de Albuquerque. Depois de travar longos debates teológicos com seu escravo – todas as criaturas não são filhas de um mesmo Deus, então, o que justifica a captura e os maus tratos aos índios?, quer saber Arraïp -, o nobre português torna-se prisioneiro dos negros-cidadãos sublevados da República de Palmares. Testemunha a organização de uma República tropical, com deveres e direitos, mas, horroriza-se ante as bebedeiras nas festas da colheita do milho, que levavam a excessos. A escravidão, para os povos selvagens, brutalmente livres, se bem conduzida e cristianizada, poderia ser uma etapa da civilização, defende a narradora.

A imaginação européia do mundo colonial é naturalizada, e o desafio maior para a trama do romance moral é a cristianização da raça.

Dom Aleixo consegue libertar-se, mas, andando alguns passos, encontra um grupo de índios ferozes, que o fazem refém. Desta vez, o nobre português é presa de um festim canibal. Prestes a ser devorado - chega até a jogar pedras nos executores, segundo o costume narrado pelos viajantes do século XVI (14) – é salvo por um missionário inaciano. Reencontra Arraïp e descobre a traição.

Abre-se uma via para a inversão de papéis entre dominantes e dominados – e se os senhores se tornassem escravos e os escravos, senhores?

O pano de fundo da narrativa, a ocupação holandesa da cidade de Olinda serve apenas como cenário para o desenvolvimento da trama. Todos os personagens se encontram na floresta. Durante uma longa jornada pela mata tropical, enfrentando serpentes, monstros e rios, as duas damas vão confrontando seus valores aos dos tapuias, afirmando os preceitos da religião católica, a fé nos sacramentos e a inexorável conversão dos bárbaros americanos. Ignoram seus destinos. Ao fim, correm o risco de serem devoradas. Nesse momento, ameaças e preces não surtem mais o menor efeito, lembram “o vento que sopra em uma

planície deserta”. As duas escravas fugitivas regozijam-se com a nova situação, movidas por um forte sentimento – selvagem, civilizado ou cristão? – de vingança, definido pela narradora como “compromisso com a dignidade”, perdida nos maus tratos da escravidão, o que abre uma discussão sobre a fidelidade e o medo da traição à raça.

Desenrola-se novo debate teológico sobre a humanidade dos índios, suas virtudes e vícios, a condenável prática da antropofagia, o ressentimento, tanto dos índios brasileiros em relação aos portugueses, quanto destes em relação aos holandeses, a quem reputavam de povos heréticos. Afinal, Deus não se manifesta em todas as coisas? Mas seria preciso cristianizar a barbárie, civilizá-la, ainda que a civilidade fosse representada também como corrupção da natureza e frivolidade artificial cortesã, revelando a narrativa, a essa altura, um confronto de inspiração tipicamente rousseauniana. Na composição dos personagens estão as propriedades que definem as figuras do bom e do mau selvagem.

Em Olinda, Hélène levava a vida lasciva dos colonos portugueses. Nascida no Brasil, filha de um senhor de engenho arruinado, Dom Álvaro Rodriguez, é inclemente no castigo aos escravos. Já Élvire, nascida em Portugal, é modelo de boa cristã. Aos selvagens que a seqüestraram, aplica a virtude do perdão. Para embaralhar um pouco esse jogo colonial e colocar o problema da mestiçagem, a autora faz os personagens indígenas descenderem de uma pequena tribo que fora governada pelo português Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Eles também demonstram, a seus modos, alguma polidez e desvelo para com o sofrimento das cativas. Essas senhoras jamais se habituaram aos rigores do trabalho.

Entremeando ficção e episódios da história, Mme. Delafaye-Bréhier não demonstra medo de se ferir ou perder nessa estrada. As florestas, animais, jibóias, festins, caçadas e a poligamia selvagem, bizarros costumes dos índios brasileiros, são realisticamente narrados aos jovens europeus.

No cativeiro das duas damas portuguesas, feitas escravas de suas escravas tapuias, colocam-se dois graves problemas de ordem moral e religiosa. O primeiro diz respeito à educação do pequeno Sebastião, que deveria, pelos novos costumes, furar seu lábio inferior e orná-lo com uma pedra azul. Aos olhos de sua mãe, isto parece uma mutilação. O chefe tapuia, verdadeiro sultão selvagem, apaixonou-se pela portuguesa Hélène, desejando-a para sua sétima esposa. Como poderia uma cristã casar-se com um homem já por seis vezes casado? Na ocasião em que Hélène sai para buscar água no rio, as outras esposas do chefe, descontentes com a iminência da perda de posição para uma estrangeira, raptam-na, torturam-na, arrastando-a pelos cabelos, para finalmente amarrá-la ao tronco de uma árvore perto da qual passa um rio habitado por serpentes venenosas. Hélène desaparece, e o chefe, colérico, expulsa Mocap e sua derradeira cativa, Élvire, da tribo. Os personagens seguem mais uma rota de aventuras pelo deserto, desta vez, de volta à cidade de Olinda. Mocap morre de sede durante a travessia, não sem antes ser batizada por Élvire, que junto com Yassi-Miri e o pequeno Sebastião, acaba sendo encontrada por Dom Aleixo. Anos após, Hélène também é reencontrada, vivendo no deserto com uma família holandesa, demente. O cristianismo triunfa sobre os vícios e poucas virtudes da vida selvagem. A escravidão, de acordo com a moral da história,

é, de fato, etapa necessária para o longo e tumultuado processo de civilização e da conversão ao cristianismo.

Na composição de seu romance moral, Mme. Delafaye-Bréhier se baseia claramente nos clássicos relatos de viagens do século XVI – nos textos de Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, e de André Thevet, *As singularidades da França Antártica*. Não consta que ela mesma tivesse feito viagem ao Brasil. Se, como diz Michel de Certeau (2000), os itinerários dos viajantes são previamente esboçados nas operações da escrita, mesmo em configurações históricas diferenciadas, Mme. Bréhier, Jean de Léry e André Thevet acabam compondo um mesmo texto. Porque os três tomam posse de um mesmo objeto literário, a descrição do índio brasileiro.

A história dos *Portugueses da América* conduz seus leitores ao questionamento dos papéis sociais, que, mesmo na rigidez emanada pela ordem das coisas do século XIX, não estão para sempre fixados. A história colonial também pode ser escrita ao contrário. As regras de dependência e assimilação dos colonizados em relação aos colonizadores podem ser deslocadas. A narrativa do cativo tapuia de senhores portugueses acaba por tecer um sistema de contradições que culmina com uma desmontagem do mundo de certezas da colônia portuguesa no Brasil, ainda que essa desmontagem esteja limitada pelo final triunfante do cristianismo. Afinal, a literatura de Julie Nicolase Delafaye-Bréhier não poderia contradizê-la.

O mais sedutor é que toda essa história foi composta muitos anos antes de José de Alencar imaginar *O Guarani*, com o heroísmo do índio brasileiro e toda nossa mitologia de fundação. Sendo assim, só nos resta imaginar o escritor cearense saindo da Livraria Garnier com os *Portugueses da América* nas mãos.

Palavras finais

O modo como se organizava a escrita sobre o Brasil na França oitocentista deixa evidente uma rede de relações de interdependência funcional entre as mulheres de letras, seus tradutores e os livreiros-editores responsáveis pela classificação e organização dos livros nas coleções juvenis. A novidade pedagógica representada pelo Brasil como tema do romance moral unia-se ao empreendimento comercial da difusão internacional dos livros franceses.

Nesse sentido, o empreendimento comercial dos irmãos Garnier na América Latina desempenhou papel decisivo. Com a livraria francesa no Brasil intensificava-se o movimento das trocas culturais entre o Velho e o Novo Mundo. Enquanto Baptiste-Louis Garnier instalava-se na corte do Rio de Janeiro, em 1844, o Brasil era produzido literariamente na França. Os livros analisados demonstram verdadeiro sistema produtor de singularidades que, seguindo a tradição das narrativas de viagem do séc. XVI, alimentava um grosso filão do mercado editorial europeu – as bibliotecas cristãs e morais da juventude –, ao mesmo tempo em que dava os rumos da invenção literária do Brasil.

Os livreiros parisienses sabiam que os novos leitores americanos portavam em si a herança da tradição ibérica e que de há muito eram familiarizados com as

obras cristãs, o que pode oferecer pistas sobre os efeitos prováveis do livro *Os Portugueses da América* sobre os jovens leitores brasileiros.

Notas

1. Sobre os dados biobibliográficos de Amália Schoppe, consultar Brinker-Gabler (1986).
2. Sobre os dados biobibliográficos de Julie Nicolase Delafaye-Bréhier, consultar D'Amat e Prevost (1982); *La Littérature Française Contemporaine (1827-1844)* (s/d); *Catalogue Général des Livres Imprimés de la Bibliothèque Nationale* (s/d); *Catalogue Général de la Librairie Française Pendant 25 ans (1840 – 1865)*.
3. Sobre a história da autoria literária, consultar Brunn, 2001.
4. O título original desse livro em alemão é *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha. Nebst noch anderen moralischen und unterhaltenden*. Suas traduções para o francês tornam-se sucessivamente *Le Colon du Brésil*, *Les Émigrants au Brésil* e *Le Robinson Brésilien*. Tomo para a análise as versões francesas.
5. No Brasil, o volume custava 6\$000.
6. Uma análise da formação das coleções para crianças e jovens nos catálogos de venda da livraria carioca de Baptiste-Louis Garnier para o ano de 1858 encontra-se em Leão, 2005.
7. *Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, 1858, de N. 12 – Histoire, biographie, souvenirs, mémoires, chroniques, anecdotes, géographie, voyages, descriptions, 1858*. Entre outros títulos, todos em francês, esse catálogo traz: Atlas Topographique et Administratif du Brésil; Les Voyages Modernes, raconté à la jeunesse, de Laure Bernard; Expéditions dans les parties centrales de L'Amérique du Sud, de Francis Castelnau ; Le Brahme voyageur, ou la sagesse populaires de toutes les nations, de Ferdinand Denis ; Voyages dans la partie septentrionale du Brésil, depuis 1809 jusqu'en 1815, de Henry Koster ; Voyages dans le district des Diamants, Voyages aux sources du Rio de San Francisco, Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes, Voyages dans les provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine, de Auguste de Saint Hilaire.
8. Não se pode desconhecer que o século XIX foi marcado pela leitura como competência universal dos franceses e que a extensão da familiaridade com os objetos escritos, impressos e manuscritos, só tenha sido possível tardiamente aos brasileiros. Mas, estudando os catálogos de venda para a juventude da livraria carioca Garnier, tive a dimensão do leitorado juvenil diretamente educado em francês, o qual era numeroso o suficiente para justificar a oferta dos quase duzentos títulos de livros importados. A respeito da leitura no século XIX na França, consulte: Crubellier, Maurice (1990); Hébrard, Jean (1990).
9. Sobre as propriedades que definem o romance moral, consultar: Delafaye-Bréhier, Julie. *Les Aventures de Roger ou les danger des mauvaises compagnies*. Paris, Lehubry, 1843. Esse livro fazia parte de uma biblioteca especial da juventude e em seu prefácio a autora expõe as teses do romance moral.

10. Há uma vasta linhagem do pensamento intelectual europeu sobre o índio americano, e, por conseguinte, sobre os brasileiros. Destaco as fontes clássicas dos séculos XVI e XVIII; Montaigne e Rousseau. Uma fonte de consulta muito importante é o livro pioneiro de Afonso Arinos de Melo Franco (2005).
11. Gigitonhonha é o que hoje se conhece por Jequitinhonha.
12. Segundo o historiador da literatura juvenil francesa Marc Soriano (1982), no século XIX as imitações de *Robinson Crusóé*, o romance fonte de Daniel Defoe, são todas narrativas de naufrágios em família, a exemplo de *Robinson Suíço*, de R. Wyss.
13. Para uma análise mais detalhada sobre o romance de Defoe, notadamente as práticas de leitura do protagonista, consultar Villalta, 2005.
14. Em várias passagens, encontramos as famosas descrições de Jean de Léry e André Thevet.

Referências

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), São Paulo: Fapesp, 2003.
- BRINKER-GABLER, Gisela (org). *Lexikon deutsch-sprachiger Schriftstellerinnen 1800-1945*. Dtv – München, 1986.
- BRUNN, Alain. *L'Auteur*. Paris : Falmarion, 2001.
- Catalogues de la Librairie de B. L. Garnier*, Rio de Janeiro, 1857, 1858, 1920. Bibliothèque Nationale de France.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos) – 2º volume (1836 – 1880)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.
- Catálogo de vendas da livraria de Garnier Irmãos, 1878*. Bibliothèque Nationale de France.
- Catalogue Général des Livres Imprimés de la Bibliothèque Nationale*.
- Catalogue Général de la Librairie Française Pendant 25 ans (1840 – 1865)*.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.
- CHARTIER, Roger. *Conscience de soi er lien social*. In : Elias, Norbert. *La société des individus*. Fayard, 1991.
- CRUBELLIER, Maurice. *L'élargissement du public*. In: *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – Du romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard, 1990.
- D'AMAT, Roman, e PREVOST, M.. *Biographie Française – Tomo Quinzième*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1982.
- DELAFAYE-BRÉHIER, Julie. *Les Portugais D'Amérique – Souvenirs historiques de la guerre du Brésil en 1635*. Paris: Lehuby, 1847.
- DELAFAYE-BRÉHIER, Julie. *Les Aventures de Roger ou les danger des mauvaises compagnies*. Paris, Lehuby, 1843.
- EDELMAN, Bernard. *Le sacre de l'auteur*. Paris : Éditions du Seuil, 2004.

- HÉBRARD, Jean. *Les nouveaux lecteurs*. In: *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – Du romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard, 1990.
- EYMERY, Alexis. *L'univers en miniature, ou les voyages du petit André sans sortir de sa Chambre – Amérique*. Paris: Désirée Eymery, Editeur, 1839.
- LEÃO, Andréa Borges. *Universos da devoção, sabedoria e moral: as Bibliotecas Juvenis Garnier (1858 e 1920)*. In: *Revista Educação em Revista N. 42*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LEITE, Mirian Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Editora Itatiaia Limitada – Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MARCOIN, Francis. *La Comtesse de Segur ou le bonheur immobile*. Arras: Artois Presse Université, 1999.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos. *L'Indien brésilien et la Révolution française. Les origines brésiliennes de la théorie de la bonté naturelle*. La Table Ronde, 2000.
- MOLLIER, Jean-Yves. *La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle*. In : *Les mutations du livre et de l'éditions dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Actes du Colloque International. Sherbrooke, 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier.
- SORIANO, Marc. *Guide de la littérature pour la jeunesse : courants, problèmes, choix d'auteurs*. Paris : Flammarion, 1982.
- SCHOPPE, Amelie. *Les Émigrants au Brésil (par P. C. Gerard)*. Limoges: Eugène Ardant Éditeur. s/d.
- THEVET, André. *Singularidades da França Antártica a que outros chamam de América*. Companhia Editora Nacional, 1944.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *Viajes, prácticas de lectura en el Brasil Colonial: Robinson Crusoe, novela, historia y estilo*. 2005.